

**SILENCIADAS PELA VULNERABILIDADE:
MÃES OUVINTES DE FILHOS SURDOS**

Tatiana de Barros¹, Vinicius Martins Flores²

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tatyabli33@gmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, viniciusmartinsf@gmail.com

Propósito

No Brasil, segundo Pizzio e Quadros (2011), a maioria das crianças surdas (95%) nasce em famílias de ouvintes que não conhecem a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a qual foi reconhecida como língua pela Lei 10.436/2002, trazendo progressos significativos para essa comunidade. Apesar das conquistas, ainda persistem a falta de informação e as dificuldades de acesso à Libras para pessoas surdas e seus familiares. Abordaremos a maternidade atípica, que vai além dos desafios convencionais, envolvendo sobrecarga, estereótipos, preconceitos, solidão e dúvidas. Diante disso, o presente estudo tem por objetivo analisar as informações que as mães ouvintes de filhos surdos têm sobre a Libras e identificar as barreiras encontradas durante a descoberta da surdez de seus filhos.

Revisão da literatura

A revisão de literatura analisou estudos que relatavam ou discutiam o conhecimento das mães ouvintes sobre Libras e questões de comunicação com seus filhos surdos.

Procedimentos metodológicos

A metodologia empregada neste estudo consistiu em uma revisão sistemática da literatura, focada em organizar e analisar os relatos de mães ouvintes de filhos surdos. Para efetivar a busca por informações relevantes, foram selecionadas as seguintes palavras-chave: surdo; Libras; língua de sinais; mães ouvintes; e criança surda. As pesquisas foram conduzidas nas plataformas Google Acadêmico, Portal de Periódicos da Capes e SciELO, guiadas pela pergunta central: “Quais informações as mães ouvintes de filhos surdos têm sobre a Libras?”. Inicialmente, 18 trabalhos foram identificados. No entanto, após uma análise detalhada do conteúdo e alinhamento com os objetivos propostos para este estudo, somente 2 trabalhos foram selecionados, são eles: 1) A monografia intitulada “Análise da interação linguística entre pais

ouvintes e filhos surdos no município de Ariquemes/RO”, pela autora Alzira Mara da Silva Figueiredo e 2) A dissertação intitulada “Narrativas de mães ouvintes de crianças surdas: Oralidade, metáfora e poesia”, pela autora Maria Carolina Casati DiGiampietri. Os critérios adotados para esta seleção enfocaram: pesquisas publicadas em língua portuguesa, estudos especificamente voltados para mães ouvintes de filhos surdos, relatos que detalhassem as experiências vividas pelas mães durante o processo de descoberta da surdez de seus filhos, e dados que evidenciassem situações de vulnerabilidade social. Esta abordagem metodológica permitiu a organização dos dados, facilitando a compreensão das informações que mães ouvintes de filhos surdos possuem sobre a Libras e identificando as principais barreiras encontradas por elas, desde a descoberta da surdez dos filhos até a busca por conhecimento e comunicação por meio da Libras.

Resultados

Os resultados destacam relatos exclusivos de mães, sublinhando a escassa participação dos pais e evidenciando que as mães frequentemente assumem os principais cuidados com as crianças. Apesar da diversidade nas estruturas familiares atuais, que ultrapassam o modelo tradicional, conforme apontado por Rodrigues e Locatelli (2021), este estudo concentra-se nos depoimentos das mães para manter seu foco específico, sem desviar para outras variáveis familiares. Os trabalhos selecionados abordam diferentes temas, no entanto, proporcionam relatos naturais das mães, contribuindo com esta pesquisa. Elaborou-se uma classificação para facilitar as análises, com os aspectos em comum entre DiGiampietri (2009) e Figueiredo (2015): Idade que suspeitou da surdez; Idade do diagnóstico médico; Escolhas de comunicação; Uso da Libras após iniciação escolar; As mães fizeram algum curso de Libras; e ciência sobre o trabalho efetuado pelo TILS (Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais). Analisou-se relatos de 9 mães, sendo 3 do estudo de DiGiampietri (2009) e 6 do estudo de Figueiredo (2015).

Implicações da pesquisa

Os estudos analisados não haviam correspondência entre Grau de Instrução e ocupação, já que as pesquisas não tinham essas questões em ambas, portanto, observamos que o nível educacional das mães estudadas, das 6 entrevistadas por Figueiredo, uma concluiu o ensino

fundamental, quatro o ensino médio e uma detém formação superior com especialização em Libras. Já no estudo de DiGiampietri, entre as 3 mães entrevistadas, encontramos uma com trabalho informal, uma dona de casa e uma com trabalho formal. Apesar de os dados sobre formação acadêmica e ocupação não serem agrupados da mesma maneira, existe uma conexão entre eles, direcionando para o reconhecimento de tendências ou restrições específicas.

Entre as 9 mães entrevistadas, sobre a **idade que suspeitou da surdez** de seus filhos, quatro notaram sinais até os 12 meses de idade, três perceberam entre 1 e 2 anos, uma aos 3 anos, e uma aos 6 anos. Quanto a **idade do diagnóstico médico** confirmado, três mães receberam a confirmação quando seus filhos tinham 2 anos, duas entre 1 e 2 anos, duas aos 3 anos, uma teve o diagnóstico até os 12 meses, e uma somente aos 7 anos de idade.

As **orientações médicas** dadas às mães de crianças surdas focam principalmente no uso de aparelhos auditivos. Entre os nove relatos, seis receberam a recomendação de usar o dispositivo. Duas não mencionaram seu uso, e uma relatou que, apesar da recomendação, o uso do aparelho foi descartado por questões de saúde da criança. Quanto às formas **de comunicação escolhidas**, entre as nove mães entrevistadas: duas optaram exclusivamente pela libras; uma escolheu usar tanto a libras quanto gestos e apontamentos; duas preferiram a comunicação oral; uma decidiu por gestos e apontamentos; três utilizaram apenas apontamentos para se comunicar.

As decisões tomadas pelas famílias quanto à comunicação com seus filhos surdos apresentam uma ampla variedade de métodos. Em relação ao **uso da Libras após iniciação escolar**, percebe-se que duas crianças começaram a aprender Libras aos 4 anos, uma aos 7 anos, uma aos 8 anos, e uma aos 11 anos; os demais casos não especificaram a idade de início. No que tange aos **cursos de Libras frequentados pelas mães**, das nove mães entrevistadas, cinco reportaram ter participado de algum curso de Libras, enquanto quatro afirmaram não ter tido contato com a língua ou não terem demonstrado interesse. O último aspecto analisado é a **ciência do trabalho do TILS**, onde apenas em dois dos nove relatos menciona-se brevemente o uso desse serviço. As demais narrativas não incluem referências ao uso ou conhecimento sobre o TILS por parte das mães.

A partir das análises, ressalta-se como principal resultado de estudo a **falta de estudos específicos** voltados para este grupo de mães. Também se constatou uma **falta de orientação abrangente** no momento em que é feito o diagnóstico médico da surdez. A crítica às

orientações clínicas busca questionar a visão única e sugere, com base nos trabalhos de Stelling (2015), que o diagnóstico da surdez inclua e integre **informações clínicas, socioculturais e educacionais**. Essa abordagem integrada amplia as possibilidades de escolha para essas mães, enfatizando a importância de um suporte mais completo e diversificado.

Identifica-se que o uso exclusivo da oralidade constitui uma barreira significativa, trazendo desafios ao desenvolvimento social, linguístico e cultural de crianças surdas. Uma dificuldade adicional na comunicação é o uso frequente dos apontamentos, conforme relatado pela maioria das mães. Embora os apontamentos possam ser eficazes quando integrados à estrutura linguística da Libras, seu uso excessivo e isolado falha em promover a aquisição da linguagem pela criança surda, atuando apenas como suporte temporário. Nota-se, ademais, que o primeiro contato com a Libras geralmente ocorre de forma tardia, apenas no período escolar. A não procura de algumas mães por cursos de Libras também foi observada, um fenômeno que pode ser explicado por uma série de razões, incluindo o limitado acesso a recursos educacionais e a escassez de informações sobre a língua.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho buscou-se analisar o acesso à informação sobre a Libras por mães ouvintes de filhos surdos, em situação de vulnerabilidade social e considerando o papel importante dessas mães na criação e desenvolvimento de um novo indivíduo surdo, é essencial que essas mães compreendam o significado de ser surdo a partir da perspectiva sociocultural, indo além da visão clínica. Após revisão sistemática bibliográfica evidencia-se a necessidade de avanços e aprofundamentos nesta pesquisa, utilizando questionamentos específicos, incluindo estudos que incorporem as vozes das mães ampliando a compreensão dos desafios enfrentados e direcionando estratégias eficazes, contribuindo para o campo científico e para os avanços das lutas da comunidade surda. Por fim, dar voz as mães é romper o silenciamento provocado pela vulnerabilidade social.

REFERÊNCIAS

Digiampietri, M. C. C. (2009). *Narrativas de mães ouvintes de crianças surdas: oralidade, metáfora e poesia*. [Dissertação, Universidade de São Paulo], Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, São Paulo.

Figueiredo, A. (2015). *Análise da interação linguística entre pais ouvintes e filhos surdos no município de Ariquemes/RO*. Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Rondônia, Ariquemes-RO.

Pizzio, A. L., Quadros, R. M. (2011, p. 3). *Aquisição da língua de sinais*. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifico/aquisicaoDeLinguaDeSinais/assets/748/Texto_Base_Aquisicao_de_Linguas_de_sinais_.pdf.

Rodrigues, W., Locatelli, A. S. (2021, p. 38–50). *Formatos atuais de família no Brasil e suas reverberações na escola*. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/humanidadeseducacao/article/view/16787>.

Stelling, E. (2015, p. 35-36). *A orientação familiar aos pais que têm filho surdo: a construção do livro “o filho é surdo, a família quer saber”* [Dissertação, Universidade Federal Fluminense], Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, Niterói.